

## **A Rádio Excelsior e a contação de histórias no Recôncavo Baiano: a extensão universitária em ondas**

Rony Henrique Souza<sup>1</sup>, Rosemary Lapa de Oliveira<sup>2</sup>, Liége Maria Queiroz Sitja<sup>3</sup>

### **Resumo**

Este texto versa sobre um projeto de extensão que consiste na contação de histórias no rádio. Por compreender a abrangência do rádio e como ele contempla várias esferas da sociedade, transitando, inclusive, entre as classes sociais, a presença da contação de histórias na Rádio Excelsior Recôncavo FM tem se configurado como um projeto fecundo. Neste trabalho, apresentamos, inicialmente, a importância do projeto de extensão como algo politicamente constituinte da essência universitária, dentro de uma perspectiva de saída. Paralelo a isso, situamos a rádio como um lugar/ponte entre a universidade e a sociedade dentro de uma das práticas culturais mais antigas da humanidade, que é a contação de histórias. A metodologia utilizada foi de cunho fenomenológico-descritiva, com o objetivo de colocar entre parêntese um fenômeno e situá-lo dentro de um universo de sentidos.

### **Palavras-chave**

Extensão. Comunicação Radiofônica. Contação de histórias. Educação.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação e Contemporaneidade na Universidade do Estado da Bahia, Brasil; professor de Filosofia no Colégio Estadual Landolfo Alves de Almeida, Bahia, Brasil; comunicador da Rádio Excelsior Recôncavo FM de Cruz das Almas, Bahia, Brasil; membro dos Grupos de Pesquisa Docência Universitária e Formação de Professores (DUFOP) e do Docência Universitária e Multirreferencialidade (GEDUM). E-mail: rhsacaminho@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Brasil; estágio pós-doutoral na Universidade do Estado da Bahia, Brasil; professora na Universidade do Estado da Bahia, Brasil; líder do Grupo de Pesquisa e Estudo em Leitura e Contação de Histórias (GPELCH); vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Infância, Linguagens e EJA (FORINLEJA). Email: rosy.lapa@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Brasil; professora da Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil; líder do Grupo de Pesquisa em Docência Universitária e Multirreferencialidade (GEDUM); vice-líder do Grupo de Pesquisa em Docência Universitária e Formação de Professores (DUFOP). Email: liegesitja@gmail.com.

## **Excelsior Radio and storytelling in the *Reconcavo Baiano*: university extension in waves**

Rony Henrique Souza<sup>4</sup>, Rosemary Lapa de Oliveira<sup>5</sup>, Liége Maria Queiroz Sitja<sup>6</sup>

### **Abstract**

This text is about an extension project that consists of storytelling on radio. By understanding the scope of radio and how it contemplates various spheres of society, even moving between social classes, the presence of Storytelling at Rádio Excelsior Recôncavo FM has been configured as an fruitful project. In this work, we initially present the importance of the extension Project as something politically constitutive of the university essence, within an exit perspective. Parallel to this, we situate the radio as a place/bridge between the university and society within one of the oldest cultural practices of humanity, which is Storytelling. The methodology used was a phenomenological-descriptive nature with the aim of placing a phenomenon in parentheses and situating it within a universe of meanings.

### **Keywords**

Extension. Radio Communication. Storytelling. Education.

---

<sup>4</sup> PhD student in Education and Contemporaneity, State University of Bahia, State of Bahia, Brazil; teacher in the state education network of Bahia, State of Bahia, Brazil; communicator at Radio Excelsior Recôncavo FM from Cruz das Almas, Bahia, Brazil; member of the Research Groups University Teaching and Teacher Training (DUFOP) and University Teaching and Multi-referentiality (GEDUM). Email: rhsacaminho@hotmail.com.

<sup>5</sup> PhD in Education, Federal University of Bahia, State of Bahia, Brazil; postdoctoral internship at the State University of Bahia, State of Bahia, Brazil; professor at the State University of Bahia, State of Bahia, Brazil; leader of the Research and Study Group on Reading and Storytelling (GPELCH); vice leader of the Study and Research Group on Childhood, Languages and EJA (FORINLEJA). Email: rosy.lapa@gmail.com.

<sup>6</sup> PhD in Education, Federal University of Bahia, State of Bahia, Brazil; professor at the State University of Bahia, State of Bahia, Brazil; leader of the Research Group on University Teaching and Multi-referentiality (GEDUM); vice leader of the Research Group on University Teaching and Teacher Training (DUFOP). Email: liegesitja@gmail.com.

## Um movimento de saída

A extensão universitária se configura como um movimento de saída; sair para ser com o outro. Nesse contexto, não se trata simplesmente de contemplar a comunidade com aquilo que foi produzido no seio da universidade, mas compreender que o laboratório é, também, o cotidiano da sociedade e, por isso, carece ser experienciado e adentrar as agendas corporativas, rígidas e estáticas, da academia. Muitas vezes, corremos o risco de compreender a extensão universitária somente como algo produzido pela academia e que, depois, é oferecido à população. Na verdade, trata-se de um conceito que reverbera em uma atitude bem mais complexa. Para Gurgel (1983, p. 176),

a extensão deve ser vista como um espaço possibilitador de estabelecimento de uma ligação com a classe trabalhadora, que permita um intercâmbio de conhecimentos, no qual a universidade aprenda a partir do saber popular e assessorie as populações no sentido de sua emancipação crítica.

Destaca-se que o contato com a classe trabalhadora influenciará o jeito de ser da universidade. Na filosofia hegeliana da história, vamos perceber que ela é contada de modos diferentes por quem está e quem não está com o chicote nas mãos. Por estarmos em uma sociedade patriarcal, durante muito tempo, só os homens contavam as histórias das mulheres. A questão é que, mesmo que os homens sejam sensíveis às vivências das mulheres, quem sente na pele são elas. Se pensarmos na História do Brasil, não é diferente: ao invés dos brancos, há mais relevância quando os negros falam de seu povo, de sua cultura e, também, de como sofreram o processo de escravidão. O mesmo acontece quando a universidade rompe as estruturas para se encontrar com os trabalhadores na extensão. Se ficarmos vendo ao longe, não daremos conta de contemplar a realidade do outro, assim como as suas respectivas demandas. E a academia também contribui com determinadas questões, como a qualidade do trabalho, a saúde do trabalhador e, inclusive, o processo de desalienação. Mas, para isso, a Universidade, como já mencionamos, precisa ouvir o trabalhador, participar e se inteirar de sua lida. Precisa estar junto a ele.

Para Manen (2010), ao tecer essa relação pedagógica com o outro, teremos contato com as situações pedagógicas que o envolvem e, diante de um momento pedagógico, podemos deliberar ações pedagógicas possíveis. A relação com aquele que é estranho me levará a visualizar o caminho a ser percorrido. É na relação que percebemos o outro e as necessidades dele, mas é também no contato com ele que respondemos a muitas inquietações que temos o

anseio de responder. Em linhas gerais, a extensão universitária é, ao mesmo tempo, um exercício de saída e de troca. Medeiros (2017, p. 15) sinaliza que “é através da extensão que a Universidade percebe que ela não está sozinha em um espaço ou em conjunto e que obrigatoriamente ela precisa abrir-se para novas possibilidades que deste espaço e deste conjunto advirão”. Para melhor visualizar o que se objetiva dizer neste artigo, ilustro este texto a partir de dois contextos: um filosófico e um religioso. Contudo, é preciso destacar que esses exemplos não terão por objetivo estabelecer um conceito sobre extensão universitária, mas oferecerão sinais para um maior aprofundamento sobre a temática desenvolvida neste artigo.

### **Alegoria da Caverna**

A literatura filosófica apresenta a Alegoria da Caverna de Platão como uma representação da condição de ignorância em que vivem os seres humanos, aprisionados por preconceitos que impedem a superação de seu desconhecimento sobre o mundo e o conseqüente processo de Libertação. Segundo Porfírio (2021), Sócrates fala para Glauco imaginar uma caverna na qual prisioneiros vivessem desde a infância, com as mãos amarradas em uma parede, o que impediria maiores movimentações. Assim, eles poderiam avistar somente as sombras que seriam projetadas em uma parede situada à frente deles. As sombras, nessa alegoria, são produzidas por um grupo de pessoas livres das correntes que projetam as imagens por meio de uma fogueira, que se encontraria em cima de um tapume e atrás dos prisioneiros, que estariam presos e não conseguiriam se virar. Esse grupo de pessoas passaria em frente à fogueira, faria gestos e passaria objetos, formando sombras distorcidas, as quais seriam todo o conhecimento que os prisioneiros teriam sobre o mundo. Aquela parede da caverna, aquelas sombras e os ecos dos sons que as pessoas de cima produziriam, seriam o mundo restrito dos prisioneiros.

Repentinamente, um dos prisioneiros conseguiria se libertar e sairia andando pela caverna. Ele perceberia tudo o que estava acontecendo e que as imagens, que ele julgava reais, eram manipuladas, não condizendo com a realidade. Então, ele continuaria a caminhada e, ao encontrar a saída da caverna, teria um susto ao se deparar com o mundo exterior. A luz solar ofuscaria a sua visão e ele se sentiria desamparado, desconfortável e deslocado.

Aos poucos, sua visão se acostumaria com a luz e ele começaria a perceber a infinitude do mundo e da natureza que existe fora da caverna. Ele perceberia que aquelas

sombras, que ele julgava ser a realidade, na verdade eram cópias imperfeitas de uma pequena parcela da realidade.

O prisioneiro liberto poderia fazer duas coisas: retornar para a caverna e libertar os seus companheiros ou viver a sua liberdade. Uma possível consequência da primeira possibilidade seria o ataque que sofreria de seus companheiros, que o julgariam como louco, mas essa poderia ser uma atitude necessária, por ser a mais justa a fazer.

Alguns aspectos da Alegoria da Caverna nos possibilitam tecer reflexões importantes sobre a extensão universitária. A primeira é o que foi ressaltado no início deste texto, que é a necessidade de sairmos de nossos lugares comuns e de ampliarmos nossos horizontes de conhecimento do mundo. Muitas vezes, vimo-nos, desde sempre, presos a correntes junto aos pares, e não ousamos correr o risco de saltar os muros. Assim, contentamo-nos em ficarmos presos à caverna, sendo ela dotada de uma segurança aparente. Contudo, ao sairmos, somos interpelados a também libertar outros de algemas que os prendem. Nesse lugar de fala, é o estrangeiro que transforma a realidade, e não o contrário. Contudo, esse convencimento não se trata de uma tarefa simples. Esse movimento só acontece porque “o conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer uma ação transformadora sobre a realidade” (FREIRE, 2010, p. 27).

## **Os Redentoristas**

Por conhecer essa realidade de perto, a história de vida de Afonso Maria de Ligório, canonizado santo pela Igreja Católica, é um tanto inspiradora, inclusive para a Extensão Universitária. Conta-se que o santo era muito dedicado à sua missão, o que estava lhe deixando um tanto desgastado, ao passo que seu superior o aconselhou a tirar férias em uma cidadezinha da Itália chamada Scala. É nessas férias que Santo Afonso muda completamente a sua vida.

O que aconteceu foi que, em Nápoles, a Igreja vivia em meio ao luxo e à prosperidade. Só que, em Scala, a realidade era muito diferente. Foi nesse lugar, para além dos alpes, que Afonso viu a realidade miserável dos cabreiros, e isso levou o santo a fundar a Congregação do Santíssimo Redentor, a Congregação Redentorista, para cuidar e zelar dos pobres e abandonados.

Novamente, a alteridade perpassa a nossa discussão. Seguindo essa perspectiva, “o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessários ao aluno, em uma fala com ele” (FREIRE, 2018, p. 109). Por isso, “o mundo não

é. O mundo está sendo” (FREIRE, 2018, p. 74). Na extensão, vivenciamos o desassossego. Na história de vida de Afonso Maria de Ligório, também não é diferente. Ele sai de seu lugar, afasta-se das mordomias e da segurança, deixando o tudo para se encontrar no nada.

### **Percurso metodológico**

Transportando essa realidade para a ação de Extensão Universitária, podemos refletir que uma ação extensionista pensada em gabinetes, dentro dos muros da universidade e olhando-a somente nessa dimensão, jamais resultará em uma ação efetiva de diálogo com a sociedade. Há de se colocar a saída como meta e valor.

[...] é preciso compreender que vivemos em um país que tem em si muitos Brasis. E nesse contexto de disparidade social, a Universidade Pública e a Extensão Universitária têm um papel primordial no sentido de auxiliar e diminuir estas diferenças e exercitar práticas de inclusão social e aprendizado da cidadania. Daí a relevância da extensão enquanto elemento de formação de pessoas, mas principalmente enquanto espaço onde se pode exercer uma práxis interativa e a sabedoria popular, promovendo assim uma visão mais ampla da sociedade em que vivemos. (MEDEIROS, 2017, p. 14).

Tendo versado inicialmente sobre o que é a extensão universitária como um movimento de saída e sobre a sua substancial importância para a universidade, intentaremos pensar, neste artigo, a contação de histórias no Rádio como um projeto nessa perspectiva, o que dialoga com Ribeiro (2014, p. 46), o qual afirma que “o papel dos contadores de histórias contemporâneos seria o de reatualizar no presente uma prática enraizada na tradição”.

Nos tópicos a seguir, pensaremos o rádio como um lugar que, aqui, funciona como ponto de encontro entre a academia e a comunidade, para, em um segundo momento, apresentar como acontece a contação de histórias dentro do já extinto Programa Bom Dia Vida e no atual programa de todos os sábados Fala Recôncavo, em que ocorre a contação de histórias com a Prof<sup>a</sup>. Rosemary Lapa de Oliveira, do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (PPGEduC-UNEB). Trata-se de um projeto contínuo e que envolve uma professora da UNEB, juntamente com o projeto desenvolvido no YouTube, intitulado “O que a UNEB tem para contar”, e um radialista, que também é professor da Rede Estadual de Educação. Trata-se de um projeto claro de educomunicação.

Para Oliveira, Almeida e Santos (2020, p. 102), “tendemos a pensar que constituir leitores é fazer com que as pessoas sejam capazes de ler e ponto”. A ideia de trazer a contação

de histórias para o rádio se funda na percepção de que “pensar uma pedagogia de enleituramento é pensar que o texto não é constituído em partes, ele é um todo de sentidos e é como um todo, um corpo inserido num contexto de acontecimentos que precisa ser considerado” (OLIVEIRA, 2020, p. 104).

Em contrapartida, os depoimentos que vêm dos ouvintes demonstram que eles se dão conta de que esse se trata de um quadro inovador, uma vez que retoma o passado, inspira, forma e desperta. É um quadro que atinge o adulto quando o mesmo relembra os contadores de histórias que perpassaram sua vida, atinge pais e mães acerca da importância de contar histórias para seus filhos, impacta professores para poderem utilizar a contação de histórias como uma metodologia de ensino e, ainda, retoma os passos iniciais do jornalismo. Para Traquina (2005, p. 224), “os jornalistas são os modernos contadores de ‘estórias’ da sociedade contemporânea, parte de uma tradição mais longa de contar ‘estórias’”. Além disso, desperta a imaginação com a arte em si. De forma indireta, o depoimento dos ouvintes também reafirma a contação de histórias como uma metodologia de ensino.

### **O rádio como ponto de encontro entre Academia e Comunidade**

A história conta que, com o objetivo inicial de substituir o telégrafo com uma tecnologia melhor e mais rápida, a primeira transmissão de rádio nos moldes que conhecemos hoje – com voz humana – foi feita em 1906, tendo transmitido um concerto de Natal à tripulação de passageiros de um navio estadunidense. Nos quinze anos seguintes, o rádio já havia sido adotado pela maioria das frotas marítimas do mundo, e, em 1920, começaram as primeiras transmissões de rádio para entretenimento.

No Brasil, até 1919, apenas militares podiam realizar transmissões de rádio. Em 1922, com a transmissão da ópera *O guarani*, do grande maestro e compositor Carlos Gomes, foi fundada a primeira emissora de rádio do país, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, atual Rádio MEC.

Atualmente, mesmo com tecnologias de imagens e sons, como televisão e internet, com suas várias possibilidades, o rádio permanece como uma opção de difusão de informações e de entretenimento. Estima-se que ao menos 90% da população brasileira ouve rádio ou pelo celular, ou no carro, ou via internet.

O fato é que, seja no século XX ou no XXI, o rádio continua a fazer parte das vidas das pessoas que o acessam como interface de diálogos, como atualização de notícias ou como diversão.

A mais comum das diversões do rádio se dá via audição de músicas, notadamente as populares. Segundo consta, a programação musical predomina na maior parte da grade das emissoras de frequência modulada. Porém, pode-se encontrar outras formas de entretenimento, como os programas locais de entrevistas e outras.

A Rádio Excelsior Recôncavo, 105.1 FM, compõe a Rede Excelsior de Comunicação e pertence à Diocese de Cruz das Almas, Bahia. Desde a fundação, ela sempre se preocupou em não só transmitir a notícia, mas, também, em difundir valores. Por esse motivo, no já extinto programa semanal de sábado, Bom Dia Vida, e hoje no Fala Recôncavo, tem sido oferecida a contação de histórias.

### **A contação de histórias e suas interfaces culturais**

Segundo Harari (2017, p. 36), há aproximadamente 70 mil anos, começamos a contar histórias uns para os outros e a passar essas histórias de geração a geração. Foi somente há aproximadamente 44 mil anos que começamos a reproduzir essas histórias nas cavernas, na forma de desenhos. Inventamos a escrita há aproximadamente 5 mil anos, e a disseminação dos livros, nos quais foram registradas essas histórias, só aconteceu por volta dos últimos 400 anos. Como vimos anteriormente, a reprodução da voz humana de forma sistemática e para além das fronteiras políticas e geológicas só se deu a partir do século XX, portanto, temos por volta de um século de rádio na história da humanidade. Essa potente forma de se comunicar, a voz, só ganha corpo neste último século, mas já faz parte da vida das pessoas, seja em suas casas, em volta das fogueiras ou nas praças. Há milênios, essa arte faz parte de nossas vidas.

Conforme descreve Andruetto (2012), a arte é um método de conhecimento, uma forma de penetrar o mundo e, nele, encontrar o lugar que nos corresponde. Nessa esteira de pensamento, Abramovich (1997) defende a importância de ouvir muitas histórias para a formação de qualquer criança. Para essa autora, escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor significa compreender a estética do mundo.

Considerando que estamos falando de contação de histórias em um programa de rádio, tomamos o conto de tradição oral como objeto cultural, na acepção mais restrita, como elemento que é produto de um território, ou seja, a própria cultura em sua concepção mais ampla, sendo manifestação dela e a ela pertencente, intercambiável, circulante, nômade e sujeita a transformações, de acordo com os percursos que trilha. Portanto, interessa-nos o atravessar de três territórios: aquele da sociedade de tradição oral, o da cultura popular e, por fim, da cultura contemporânea (ALTUNA, 1985).

Tratar a cultura como objeto – passível de acesso, de difusão e de formação – constitui uma concepção mais restrita, cujo âmbito cruza e, muitas vezes, confunde-se com o produto artístico. A associação entre cultura e erudição é conhecida, sendo comum a atribuição de certa quantidade de conhecimentos enciclopédicos assimilados. Ou seja, em tais casos, cultura é um objeto de consumo e de acumulação e, como objeto, haverá, também, uma distinção clara entre o que é produzido pelas culturas das elites e o que é produzido pelas culturas populares ou subalternas (CANCLINI, 2011). Isso ocorre não necessariamente em função de sua materialidade, mas, especialmente, das representações que são feitas sobre ele.

Um olhar dirigido à Constituição Brasileira (BRASIL, 1988) permite encontrar uma série de expressões vinculadas ao conceito de cultura. Ela é patrimônio material e imaterial, ou seja, é aquilo que, sendo construção histórica, já é e precisa ser protegida, preservada, defendida. No caso deste texto, trata-se do conto de tradição oral veiculado via rádio local FM.

De acordo com Zumthor (2010), a noção de pertencimento está posta. Não se trata de quaisquer complexos ou conjuntos, mas de determinados grupos ou sociedades em que a partilha de bens materiais e simbólicos torna os indivíduos membros desse coletivo, o que lhes confere uma identidade por meio da qual dialogam com o mundo.

O mundo tem origem pela palavra, e pela palavra se faz o seu reconhecimento. Ela é divina em sua enunciação primeira, tornando-se sagrada ao se recompor como interlocução. Ao menos assim tem sido narrado por diferentes cosmogonias, oriundas de diferentes partes do mundo. De fato, nos relatos de criação de quase todas as grandes religiões, a divindade primordial se manifesta pela Palavra, sendo um tema recorrente de muitas delas a solidão divina, o mundo tomando forma por meio da palavra e a criação de um ser capaz de ser parceiro da divindade (a enunciação), findando sua solidão (a interlocução).

O invólucro em que habitam o pensamento e os afetos, além da vida orgânica em si, é o produtor de som que, aliado ao pensamento, dá forma à palavra que emerge em voz. A característica fundamental do som é que ele só subsiste à onda emitida no momento de sua enunciação, pois seu lugar de permanência é sempre o tempo presente. Não é possível resgatá-la do passado, nem projetá-la para o futuro (salvo quando gravada por mecanismos tecnológicos contemporâneos). A voz, enunciação sonora, enquadra-se nos limites da própria matéria. Paul Zumthor (2010) dirá, ainda, que ela é evanescente.

Pode-se afirmar que o conto nasce em um terreno no qual tudo está interconectado, e seu veículo é o som. Sua guarda, a memória. Sua matéria básica, o símbolo e as estruturas arquetípicas. Assim sendo, é facilmente compreensível o porquê de o portador dessa palavra,

para a sociedade que a constitui como centro da realidade, ocupar um papel de extrema relevância, pois ele aciona os arquétipos.

Os arquétipos seriam elementos do inconsciente coletivo, “a camada mais profunda da psique humana”, concebida em “seu conteúdo como uma combinação de padrões e forças universalmente predominantes” (STEIN, 2004, p. 83). Como formas elementares básicas, há o herói ou heroína, o pai, a mãe, um deus, em torno dos quais convergem imagens simbólicas que dão corpo às narrativas e que, para além disso, tratam de processos psíquicos mais complexos. Para Jung (2014, p. 19), “uma palavra ou imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato”.

De fato, Lévi-Strauss (2012, p. 17) afirma que “o emprego de termos mais ou menos abstratos não é função de capacidades intelectuais, mas de interesses desigualmente marcados e detalhados de cada sociedade particular no seio da sociedade nacional”. O pesquisador afirma, ainda, que a busca pelo conhecimento objetivo nunca foi uma exclusividade do pensamento científico moderno, implicando, até mesmo, “diligências e métodos de observação semelhantes”, ainda que dirigidos para outros níveis de realidade.

Em uma espacialidade, não existem, ainda, instrumentalidades que permitam a observação fora do contexto de origem do objeto observado – laboratórios, rádios e livros são invenções modernas. Isso faz com que tal observação seja também vivida e apreendida pelos sentidos, ou seja, que ela seja experienciada. A pessoa humana da tradição oral sempre vai falar de um lugar de quem viu, ouviu ou foi tocado de alguma forma por um dado saber.

Por isso mesmo que, na contraparte, a educação tem igualmente como base a experiência. Sobre isso, tratando da tradição ao qual pertence, Bà (2010, p. 174) afirma que:

O ensinamento é de fato conectado à vida e dispensado tendo como critério as circunstâncias que se apresentam. Se, por exemplo, uma cobra saiu de repente de uma cova, esta será a ocasião para o velho mestre dar uma lição sobre a cobra. De acordo com seu público, caso seja composto por adultos ou crianças, ele orientará diferentemente seu discurso. Ele poderá contar lendas da serpente ou dos remédios que podem curar sua mordida. Se ele está rodeado por crianças, ele se estenderá voluntariamente sobre as maldades da cobra para que possam aprender a serem cautelosos.

Ao mesmo tempo em que apresenta uma relação particular do ser humano com o universo em que habita, a oralidade haverá de apresentar, a seu próprio turno, singularidades que acabarão por configurar um modo de pensar inteiramente distinto daquele que se conhece nas sociedades dominadas pela escrita.

A palavra oral tem como matéria de enunciação o som. Ela se expressa, pois, organicamente, tendo como base o próprio corpo. Assim, a sintaxe da construção oral o envolve, inevitavelmente. Tendo em vista essas características, compreende-se que a palavra da sociedade oral circula como instrumentalidade na construção e na transmissão do conhecimento em seu seio. Ela é considerada viva e orgânica, inserida em ciclos permanentes de existência e de não existência, como o corpo, como o som.

Paul Zumthor (2010), ao pensar na performance oral, distingue cinco operações lógicas que entram em cena no momento de pronúncia de um poema: produção, transmissão, recepção, conservação e repetição. Apropriamo-nos, aqui, desse mesmo modelo, a fim de continuar a refletir sobre a incidência da arte de contar histórias em uma rádio local, em uma sociedade fundada na oralidade. As três primeiras operações são garantidas na relação entre enunciador e ouvinte, pela pronúncia da palavra. Conservação e repetição, no entanto, dependem de outro elemento ou instrumentalidade muito específica: a memória.

O conceito de fidedignidade da memória oral é inteiramente distinto daquele que tem como base o texto escrito. Para essa última, ter algo de memória (um texto, em especial) é ser capaz de resgatá-lo palavra por palavra (ONG, 2006). De fato, para a sociedade fundada na oralidade, recordar é atualizar um dado saber no presente, um saber experienciado, que, de algum modo, passou pelo corpo, é justo lembrar. Para tanto, ele conta substancialmente com uma estrutura composta por certa quantidade de temas básicos e de fórmulas que lhe permitem construir e reconstruir uma quantidade considerável de textos e de saberes.

Os contadores de histórias contemporâneos falarão em um núcleo duro, que raramente muda, uma estrutura, um esqueleto que se mantém intacto, não importando quantas versões possam ser criadas a partir dele (MATOS, 2014). Logo, em uma relação complexa entre conservação e atualização, o sujeito da sociedade oral é aquele que se lembra e, também, o que recria, pois, de fato, ele é constantemente o cocriador da própria pronúncia. Pronúncia essa, no entanto, que mantém um compromisso permanente com o coletivo do qual ele faz parte. Zumthor (2010, p. 52) resgata Pierre Janet quando afirma que “o que criou a humanidade foi a narração”, pois é por meio de lendas, de lembranças, de sonhos e de histórias que “indivíduos e grupos tentam se situar no mundo”.

## **Implicações finais**

O nosso intuito neste texto foi apresentar a Extensão Universitária como algo possível, até porque, o discurso que parte da prerrogativa de que é difícil fazer, seja por falta de recursos, de tempo e de instrumentos, contribui com o engessamento e a acomodação da comunidade universitária. A Extensão Universitária, além de ser um pilar daquilo que define o fazer universitário, é extremamente importante, pois ela é um meio em “que a universidade percebe que não está sozinha em um espaço ou em conjunto e que obrigatoriamente ela precisa abrir-se para as novas possibilidades que deste espaço e deste conjunto advirão” (MEDEIROS, 2017, p. 15).

Neste trabalho, o espaço para estabelecer o contato com a comunidade foi o rádio, mas esses espaços podem ser inúmeros, como o espaço virtual, a rua, a associação de bairros e tantos outros. Esse movimento é o inverso do que a universidade viveu ao longo de sua trajetória, uma vez que “historicamente, a instituição universitária ficou encastelada, atrás de seus muros, muito distante do fazer social, muito distante da realidade para a qual educava e formava seus profissionais” (MEDEIROS, 2017, p. 14). Esse sair também pode ser pensado dentro de um processo de redemocratização, que busca torná-la acessível a todos e, principalmente, aos menos favorecidos. Temos o objetivo de atingir esse povo menos favorecido, e essa também é a justificativa do porquê de escolhermos a rádio para a contação de histórias. Para Moraes (2019, p. 107), no século XX,

a prática de contar histórias, ao tornar-se rara nos meios populares, recebendo por essa razão um valor que favorecerá a sua apropriação por parte dos aparelhos de dominação, passa a ser um dever do educador, não devendo estar relegada no ambiente externo à escola, mas devendo estar em seu seio, devidamente escolarizada.

Que esses e outros espaços sejam ocupados, e que esse sair de si mesmo possa ganhar eco dentro de uma Pedagogia da Rebeldia que “centra-se em apresentar possibilidades e entende que o desejo de aprender, de se integrar, são fontes de desejo para o enleituramento” (OLIVEIRA, 2019, p. 32). Sabemos, enfim, que esse movimento “torna-se importante no sentido de mediar a constituição de leitores, apresentando-lhes possibilidades de ler o mundo, ampliar o repertório argumentativo e discursivo, no objetivo de ampliar subsídios para a cidadania” (OLIVEIRA, 2020, p. 61).

## Referências

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Sapione, 2003.
- ALTUNA, R. R. A. **A cultura tradicional banto**. Luanda: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1985.
- ANDRUETTO, M. T. **Por uma literatura sem adjetivos**. Tradução de Carmem Cacciacarro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- BÀ, A. H. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. **História geral da África I**: metodologia e pré-história da África. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249POR.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2021.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2011.
- COLLINS, R.; COOPER, P. I. **The power of story**: teaching through storytelling. 2. ed. Illinois: Walveland Press, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- GURGEL, R. M. **Extensão universitária**: comunicação ou domesticação? São Paulo: Cortez, 1989.
- HARARI, Y. N. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. Tradução de Janaína Marcoantonio. 19. ed. Porto Alegre: L&PM, 2017.
- JUNG, C. G. **Psicologia do inconsciente**. Tradução de Maria Luiza Appy. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- LÉVI-STRAUSS, C. **A antropologia diante dos problemas do mundo moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MANEN, M. V. **El tacto en la enseñanza**: el significado de la sensibilidad pedagógica. Tradução de Eliza Sanz Aisa. Barcelona: Paidós, 2010.
- MATOS, G. A. **A palavra do contador de histórias**: sua dimensão educativa na contemporaneidade. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- MEDEIROS, M. M. A extensão universitária no Brasil: um percurso histórico. **Barbaquá**, Dourados, v. 1, n. 1, p. 9-16, jan./jun. 2017. Disponível em:

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/barbaqua/article/view/1447>. Acesso em: 24 jul. 2021.

MORAES, F. Entre as ondas do rádio e as salas de aula: a contação de histórias no Brasil dos anos 40 aos anos 60 do século XX. *In*: GOULART, I. C. V.; LOBO, D. D. (org.). **Os encantadores de histórias**: sobre práticas orais, memórias e arte narrativa. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

OLIVEIRA, R. L.; ALMEIDA, R. L.; SANTOS, T. O. Enleituramento, um conceito que bem poderia ser freireano. *In*: GONÇALVES, M. C. S.; JESUS, B. G. (org.). **Educação inclusiva**: reflexões. Belo Horizonte: Poisson, 2020. DOI 10.36229/978-65-86127-86-7.CAP.13.

OLIVEIRA, R. L. A constituição do sujeito leitor pela via da contação de histórias. **Sul-Sul Revista de Ciências Humanas e Sociais**, Barreiras, v. 1, n. 2, p. 57-75, 2020. DOI 10.53282/sulsul.v1i02.750. Disponível em: <https://revistas.ufob.edu.br/index.php/revistasul-sul/article/view/750>. Acesso em: 24 jul. 2021.

OLIVEIRA, R. L. **Pedagogia da rebeldia e enleituramento**. Curitiba: Appris, 2019.

OLIVEIRA, R. L. Enleituramento na EJA. *In*: DANTAS, T. R.; DIONÍSIO, M. L. T.; LAFFIN, M. H. L. G. **Educação de Jovens e Adultos**: políticas, direito, formação e emancipação social. Salvador: EDUFBA, 2019.

ONG, W. J. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. São Paulo: Papyrus, 2006.

PORFÍRIO, F. Mito da caverna. **UOL Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/mito-caverna-platao.htm>. Acesso em: 24 jul. 2021.

RIBEIRO, K. C. **Contação de histórias**: seguindo o curso de suas águas. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/21270/1/DISSERTACAO-VERSAOFINAL%20-%20Kelly%20Cristine.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

STEIN, E. **Pensar é pensar a diferença**: filosofia e conhecimento empírico. Ijuí: UNIJUÍ, 2004.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

ZUMTHOR, P. **Tradição e esquecimento**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 2010.

Submetido em 1º de outubro de 2022.

Aprovado em 27 de dezembro de 2022.